



AHEC BRASIL

Newsletter do American Hardwood Export Council

AGOSTO 2007



INSTITUTO OCEANOGRÁFICO DA IRLANDA

Nem tanto ao mar

O interior desta moderna edificação remete às florestas de madeira dura do interior da América

(Pág. 4)

INDÚSTRIA

Florense usa Cherry e Red Oak para atender ISO 14.000

(Pág. 5)



Conheça melhor a Cerejeira Americana

(Pág. 2)

ENTREVISTA

"Há caminhos que precisam ser tomados para abrir novos mercados", diz Leonildo Buffon sobre importação de hardwood

(Pág. 2)



Novos caminhos

O diretor comercial da Vivere Móveis, **Leonildo Buffon**, assumiu recentemente uma das diretorias da Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul. Com vinte anos de experiência no ramo, ele quer inovação no setor.

O que se pode esperar da nova gestão da Movergs?

Precisaremos de força e metas dramáticas para superar tudo o que vivemos hoje, como, por exemplo, continuar a brigar pela restituição dos impostos das exportadoras.

Os setores exportadores reclamam muito do câmbio. Qual a sua opinião a respeito?

Os exportadores brasileiros têm muito medo de fazer um produto diferente ou aumentar o preço. Não podemos ter medo de agregar valor ao produto. Eu prefiro inovar em alguma coisa em vez de baixar o preço.

E como enfrentar um competidor feroz como a China?

O euro e a libra têm crescido relação ao dólar, assim como todas as moedas, então temos que aumentar o nosso preço para compensar. É uma coisa delicada, mas no prazo de três meses estaria tudo resolvido.

A importação de madeira dura americana poderia ser uma boa alternativa?

Há caminhos que precisam ser tomados para abrir novos mercados, tentar fazer alguma coisa. Entrei em contato com clientes americanos e houve interesse em saber como é. Comentei a possibilidade de a empresa produzir móveis usando madeira dura americana. Pediram para eu fazer piso, mas para isso eu ainda teria que fazer um estudo. Vou deixar a coisa evoluir para tomar alguma atitude. Por enquanto eu disse a eles que existe, sim, a possibilidade de grandes entregas de produtos com a matéria-prima deles.



Foto: AHEC

Armários de cozinha construídos em cerejeira americana

American Cherry: do licor ao mobiliário

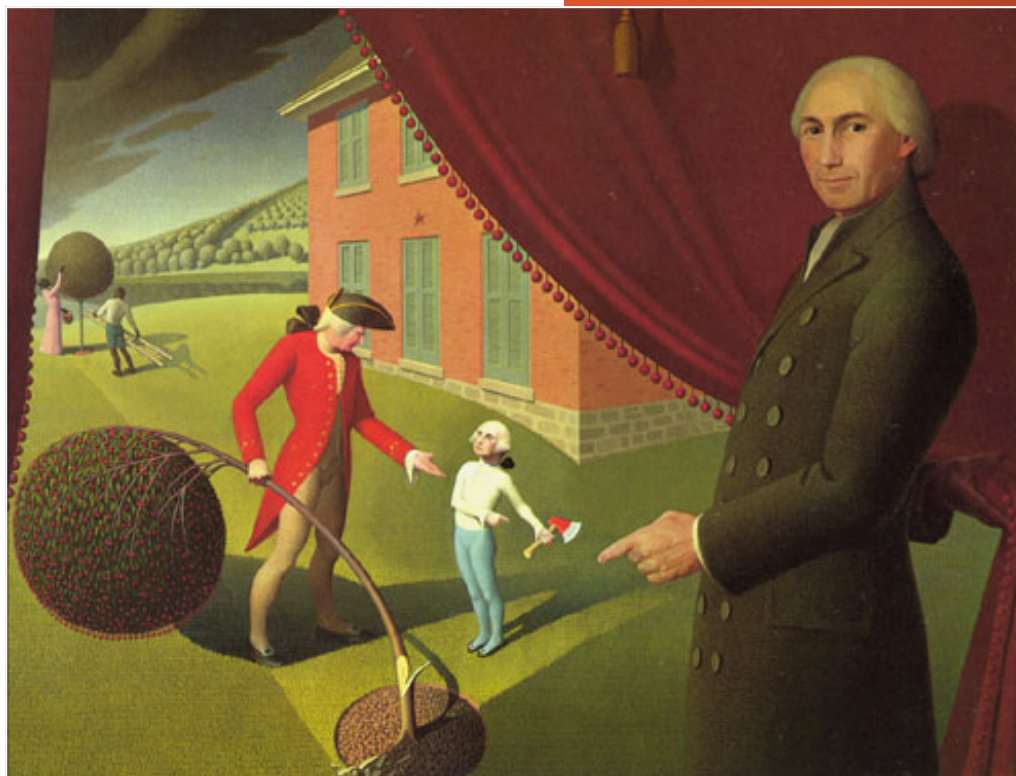
Como todas as árvores frutíferas, a cerejeira americana (*Prunus serotina*) pertence à família das rosáceas. Os colonizadores americanos se beneficiavam de suas frutas, suas propriedades medicinais e madeira para a construção de mobiliário. Costumavam misturar suco de cereja com rum para criar o Cherry Bounce que, apesar de amargo, era um licor muito saboroso. A casca da árvore era usada na produção de drogas para tratar bronquite e os talos das cerejas eram usados para fabricar tônicos.

Presente em todo o Leste dos Estados Unidos, a Cerejeira Americana (*American Cherry*), tem suas principais zonas de comerciais na Pensilvânia, Virgínia, Virgínia do Oeste e Nova York. A cor do cerne da cerejeira varia do vermelho intenso a marrom avermelhado e escurece quando exposto à luz. Em contraste, o alburno é branco cremoso. A madeira também apresenta a fibra reta, fina e uniforme, com uma textura suave e pode ter pequenas bolsas de resina.

A cerejeira é fácil de trabalhar mecanicamente porque prega e cola bem e, quando é lixada, pintada e polida, produz acabamento excelente. Seca muito rápido, embora tenha um encolhimento mais ou menos grande. No entanto, depois da secagem em estufa, adquire uma dimensão estável. A madeira tem média densidade, com boas propriedades de flexão. A rigidez é baixa e, em geral, conta com resistência média. Os principais usos da espécie americana estão em móveis e armários, marcenaria de alta qualidade armários de cozinha, molduras, painéis, assoalhos, portas, interiores de embarcações, instrumentos musicais, torneados e gravados.

Durabilidade e disponibilidade

O cerne da cerejeira está classificado como resistente à decomposição. O alburno é suscetível ao ataque de coleópteros comuns do mobiliário e o cerne resulta moderadamente resistente ao tratamento com preservantes. A *American Cherry* é amplamente disponível como madeira serrada e laminada, em uma extensa gama de especificações e de classificações.



O episódio da cerejeira de George Washington foi retratado pelo pintor Americano, Grant Wood (1892-1942)

FICHA TÉCNICA DA MADEIRA

Nome científico
Prunus serotina

Gravidade específica
0,50
(a 12% de umidade)

Peso médio:
561 kg/m³
(a 12% de umidade)

Encolhimento volumétrico médio
9,2%
(verde, a 6% de umidade)

Módulo de Elasticidade
0,274 MPa (mega-pascals)

Dureza
4226 N (Newtons)



A cerejeira e a verdade de George Washington

A cerejeira é tão profundamente ligada à história da América quanto o carvalho vermelho. A história mais conhecida que envolve a frutífera, aborda também o primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washington, em um enredo sobre a importância de se dizer a verdade. Conta-se, até hoje, que George Washington morava em uma fazenda no estado da Virgínia, onde freqüentemente passeava a cavalo com seu pai e, assim, aprendia a cuidar dos campos, cavalos e bois.

Um dia, George andava pela fazenda com um machado novo que havia ganhado, tirando lascas das cercas e cortando galhos e ramos, pensando em como o seu machado era bom. Ao chegar ao topo do pomar, viu uma muda de cerejeira que enviaram de longe a seu pai e pela qual ele nutria grande carinho. Sem pensar, o pequeno Washington decepou a planta e continuou brincando.

Ao fim da tarde o Sr. Washington inspecionava a fazenda quando descobriu que haviam cortado sua cerejeira. Horrorizado, ficou a pensar quem teria feito uma coisa daquelas. Perguntou a todos e ninguém sabia responder, mas George passava por ali e viu seu pai entristecido, ao que resolveu contar a verdade:

- Não posso mentir, papai. Fui eu que cortei a árvore com o machado.

O Sr. Washington não castigou o pequeno George. Em vez disso ele disse:

- Eu estou triste por ter perdido a cerejeira, mas feliz por você ter tido coragem de me contar a verdade. Prefiro ter um filho honesto e corajoso a ter um pomar inteiro cheio das melhores árvores. Nunca se esqueça disso, meu filho. George Washington nunca se esqueceu.



Fotos: AHEC

Pobre em madeira, a Irlanda fez uma opção sustentável

Recheio de hardwood

Novo Instituto Oceanográfico da Irlanda tem um pé na América

Originalmente o Instituto Oceanográfico irlandês se situava longe do mar, numa área agrícola ao norte de Dublin. Quando se apresentou a construção da nova sede, a opção mais lógica seria um lugar perto do mar. Lugar escolhido: baía de Galway. Projeto de arquitetura: elaborado pelo Escritório de Obras Públicas de Dublin, com Ciaran O'Connor no comando.

O amor de O'Connor pela madeira o torna num pioneiro em seu próprio país, pois o rígido clima irlandês faz com que nesse país, a arquitetura em madeira seja praticamente inexistente.

O acabado arredondado do freixo nas paredes é uma técnica que O'Connor aprendeu faz alguns anos, enquanto trabalhava na restauração de uma igreja na Alemanha. As colunas da parede de cristal estão revestidas por elipses de carvalho branco americano.

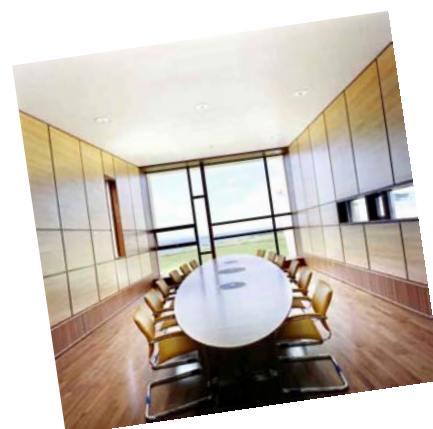
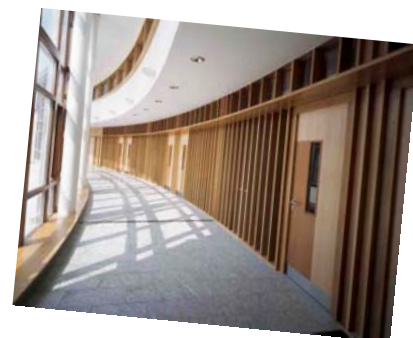
A biblioteca foi desenhada em bordo americano, incluindo as estantes e as mesas. Os materiais de carvalho branco americano que cobrem os radiadores (calefação) produzem um belíssimo efeito nos escritórios.

O'Connor gosta de trabalhar com

madeira dura americana. "Os fornecedores oferecem um controle de qualidade de primeira classe e se consegue uma excelente seleção, dimensões adequadas e um grau de humidade idóneo. Caso o peça, lhe fornecem segundo diferentes qualidades estéticas e resistentes". Outras vantagens são a flexibilidade, a facilidade com a qual se trabalham e a ampla gama de possíveis aplicações que oferecem. O arquiteto admira o carvalho branco. "É muito estável e responde com exatidão ao que se pede dele. O bordo duro é deliciosamente luminoso, envelhece muito bem e não se marca com facilidade. O freixo se adapta muito bem à impregnação com produtos ignífugos. A cerejeira é aconchegante e anima quando há pouca luz no inverno".

O novo Instituto Oceanográfico proporciona um autêntico design ecológico, constitui outro exemplo da forma na qual a madeira de folhosas atende às especificações mais exigentes dos novos edifícios com preocupação ambiental.

O'Connor afirma sentir-se satisfeito com os resultados: "É um lugar notavelmente charmoso. Creio que fizemos justiça à paisagem. Gostaria muito de trabalhar num lugar assim".



Florense importa Cherry e Red Oak para atender ISO 14.000

Designers brasileiros defendem uso da matéria-prima sustentável

“A nossa grande vantagem em usar madeira de lei americana não é um ganho competitivo ou marketeiro e sim uma política da empresa”, afirma Mateus Corradi, gerente de marketing da Móveis Florense Ltda., uma das maiores fábricas do mundo. A empresa, sediada em Flores da Cunha - RS, utiliza lâminas de Cherry (cerejeira) e Red Oak (carvalho vermelho) reflorestados para o acabamento dos seus produtos (foto), que são comercializados no Brasil e exportados para a América do Norte e Europa, entre outros países.

“Temos a certificação ISO 14.000, que exige que todas as nossas matérias-primas e processos tenham fontes ecológicas e sustentáveis, como as madeiras dos Estados Unidos”, explica. Segundo ele, o mercado brasileiro não disponibiliza lâminas de madeira dentro da conformidade ambiental. Outro item que favorece indústrias que usam laminados estadunidenses é o fornecimento constante e regular o ano inteiro. No Brasil, a época das chuvas faz interromper ou diminuir as entregas.

Corradi não nega que a Florense tenha ganhado muitas concorrências por usar madeira sustentável, mas afirma que a escolha dos materiais na hora de fabricar móveis nunca foi apenas uma questão de ser “bonzinho”. “Desde 1994 temos uma preocupação verdadeira com a questão e, além do mais, naquele tempo usar isso para fazer propaganda não tinha valor algum. Preferimos usar tintas à base d’água e madeira certificada simplesmente porque é o mais correto”, explicou.

Design consciente

Juliana Gatti, organizadora do Núcleo de Design de Móveis na Associação dos

Designers de Produto, com sede em São Paulo, diz que o fato de as madeiras de lei (ou madeiras duras) americanas possuírem certificação e serem extraídas de forma equilibrada da natureza a deixa mais interessada em utilizá-las. “Hoje em dia, creio que o fator da extração sustentável da madeira é essencial para o designer, mas nem tanto para o empresário por questões de custo”, entende a designer, que desenvolve um projeto voltado a produtos de madeira que tragam referências das árvores vivas.

Para o designer e pesquisador de madeiras nativas amazônicas, Christian Ullman, o consumidor que gosta de madeira não se importa com a origem dela, mas quem trabalha com o material gosta de descobrir novas qualidades ou possibilidades. “Vai haver muita gente querendo trabalhar com madeira de lei americana e, se virar moda, será um bom negócio para todos, avalia o pesquisador, que foi um dos criadores da categoria Desenvolvimento Sustentável no Prêmio Brasil Faz Design, evento apoiado pelo SEBRAE.

Sem concorrência

A indústria madeireira brasileira não correria risco de perder espaço para a madeira de lei estadunidense. É o que garante o gerente geral do Conselho Estadunidense de Exportação de Madeiras de Lei para a América Latina, Roberto Torres. “As madeiras duras norte-americanas possuem características específicas, provêm de florestas sustentáveis nativas e não competem com as espécies brasileiras. Sua aplicação pode se destacar especialmente em móveis de alto padrão, destinados à exportação”, ressalta. Mateus Corradi tem opinião

Foto: Florense (divulgação)



parecida. “A indústria madeireira não se importaria muito com um eventual aumento das importações de madeira americana já que preferem trabalhar com toras em vez de madeira laminada”.

“Quando a identidade e alma brasileira são solicitadas, creio que a madeira brasileira seja essencial”, diz Juliana Gatti. Porém, podemos estabelecer projetos que promovam a aproximação de culturas e valores e acredito que isso seja muito válido e rico como inspiração”, declara. “Na questão estética, pelo que pude pesquisar, creio que a madeira de lei americana possui desenhos, veios e cores muito bonitas e com certeza bem aceitáveis”.

A ONG Amigos da Terra estima que, em 2000, 80% da madeira produzida só na Amazônia era ilegal e que nas regiões de fronteira o índice pode chegar a 95%.

Se você não deseja receber a newsletter AHEC BRASIL, responda o e-mail dizendo “cancelar envio”, na caixa de texto “Assunto”.